

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 6

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

Exposição universal de Paris — Portugal — <i>A real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes</i> , pelo sr. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.....	Pag. 81
SECÇÃO DE ARCHITECTURA :	
Architectura dos povos da antiguidade — pelo architecto o sr. J. P. N. DA SILVA.....	82
Secondo congresso degli architecti ed ingegneri italiani in Firenze (conclusão), pelo sr. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.....	86
SECÇÃO DE CONSTRUÇÕES :	
Considerações acerca da hygiene das construcções civis e publicas — <i>Technologia da edificação</i> (continuação), pelo sr. F. J. DE ALMEIDA.....	88
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :	
Novos monumentos megalithicos em Portugal (com estampa), pelo sr. J. DA SILVA.....	90
A sociedade real dos antiquarios do norte vista á luz d'um notavel discurso do sr. Worsaae, pelo sr. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.....	91
Memoria historica do mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de monjas da Ordem de Cister da cidade de Portalegre (continuação), pelo sr. F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.....	92
Archeologia e bellas artes — <i>Comunicação feita por um socio na sessão de 12 de março de 1878</i> , pelo sr. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.....	93
NECROLOGIA — Pelo sr. C. MUNRO.....	95
NOTICIARIO.....	96

LISBOA, 25 DE JUNHO DE 1878

É impossivel fallar da exposição universal de Paris, sem tecer o mais sentido elogio da grande nação franceza, applicando-se-lhe aquillo da escriptura: *En populus sapiens et intelligens, gens magna*.

Quem não admirará a força de vitalidade que tem a França, ao presenciar como ella se ergue, activa e senhoril; do abatimento em que a prostraram as calamidades de ha bem poucos annos? Parecia incrível que tão cedo podesse ella reparar os funestos effeitos dos desastres da guerra e das lutas intestinas, que a pozeram á borda do abysmo. E comtudo, ahí vemos (com espanto por certo) essa maravilha dos nossos dias, qual é a de uma nação que pelo trabalho se reabilita no conceito dos demais povos, remoça, e dá as mais luzidas mostras da sua poderosa energia e vigor.

A fôrma de governo que essa nação adoptára, a *republica*, fazia reccar aos amigos timidos, ou esperar aos monarchistas, que não houvesse em França a serenidade, a ordem e a cordura necessárias para levar a bom termo o restabelecimento do povo que estivera tão gravemente enfermo, quasi moribundo.

Felizmente, sob o regimen republicano, e á sombra da liberdade, pôde a França curar as suas feridas, e despregar desde logo uma energia de vontade, que a salvou por meio de esforços incriveis, gigantescos, sobrehumanos.

À Europa e ao mundo inteiro inspirou confiança a nação que estivera entregue aos desvarios criminosos da communa. Mereceu credito a declaração de intenções pacificas, e foi acceito o seu convite para a grandiosa festa do trabalho. Como que á porfia vieram todas as nações cultas dar testemunho de respeito e admiração.

Levantou-se no famoso Campo de Marte um monumento magnifico á gloria de todas as artes, de todas as industrias, e não menos á da sciencia em todas as suas manifestações.

Alli vae pelejar-se uma batalha de singular caracter, pacifica, civilisadora, que não faz correr uma só gota de sangue humano, antes ha de estreitar os laços da fraternidade entre as nações do mundo.

Dissemos — *batalha*, — e por ventura não tem cabimento essa imagem no estado actual da civilização. A luta de outros tempos desapareceu, cedendo o passo ao proposito de se auxiliarem os homens — uns aos outros, — e de communicarem entre si os aperfeiçoamentos que obtiveram, o progresso que attingiram. As cautellas mysteriosas, a desconfiança, a ciumenta rivalidade, feições caracteristicas das relações d'outr'ora, não teem já razão de ser, e, de feito, não existem já. O exame dos variadissimos *objectos expostos* será mais detido, mais minucioso, talvez mais severo do que d'antes; mas não o dominará o espirito de hostilidade que n'outras eras o desviava da rectidão e da justiça que interesseiros designios desvirtuavam.

Na *exposição* se fazem representar muitos e muitos povos, ostentando tudo o que melhor e mais perfeito hão concebido e executado nos variadissimos ramos da actividade intelligente do homem, — tudo quanto ha sido investigado ou descoberto nos

dominios do mundo physico e do mundo intellectual, para conhecimento da historia do globo, ou dos povos que o habitam.

Tambem alli figura o nosso Portugal. Não levamos muito longe o espirito de nacionalidade quando antevemos que nos aguarda uma parcella de gloria, uma lisongeira manifestação de agrado da parte dos juizes que hão de apreciar e distinguir o que merecer contemplação honrosa.

Praza a Deus que não seja temeraria a nossa esperança, antes se realise, para satisfação do brio que é natural em quem se abalança a sujeitar-se a provas tão severas!

A real associação dos architectos e archeologos portuguezes recebeu honroso convite para concorrer á exposição.

Diante da magnificencia incomparavel do que se admira n'aquelle copiosissimo bazar, some-se, ou como que fica no escuro, o mais que modesto contingente da *Associação*; mas ao menos dá ella mostras de obediencia e respeito a quem generosamente a contemplou, sem embargo da humildade de um estabelecimento nascente, que ainda mal pôde dar signal de vida.

O que a *Associação* remetteu para Paris, vae apontado, por pessoa competente, na secção do *noticiario* do presente numero do *Boletim*.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

Introducção

Publicando agora as prelecções que fizemos no anno de 1864, na Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, ácerca da *arte monumental dos povos da antiguidade*, é com o intuito de dar maior desenvolvimento a este estudo, e de haver no nosso idioma uma publicação d'esta natureza. Posto que seja trabalho imperfeito, nem illustrado com gravuras, todavia apresentará idéas geraes sobre os typos dos differentes generos da arte, seguindo nós os auctores os mais auctorizados n'esta materia; egualmente para conhecer o caracter com que ella se distingue, além de facilitar o seu estudo especial, contribuirá tambem para

avaliarmos qual foi a civilização n'essas remotas eras, que nos legaram essas portentosas construcções, as quaes, com quanto já em ruinas, nos causam assombro, e convidam a instructivas cogitações. Esperamos nos será desculpada a singeleza descriptiva da arte antiga monumental, levando em conta o louvavel movel que nos induziu a um trabalho tão complexo, e assás difficil para a nossa humilde intelligencia.

1.ª Prelecção

I

SENHORES:

Sendo a architectura a primeira entre as artes liberaes; dependendo d'uma parte tão notavel das concepções da intelligencia humana; sendo tambem

um dos ramos os mais essenciaes e os mais interessantes da historia geral, não só como obra de sentimento, mas por offerecer uma origem rica e fecunda em documentos historicos das nações da antiguidade; a architectura deve caminhar a par da historia universal, visto que, de muitos povos que constituíram as primitivas republicas, se encontra a sua historia unicamente esculpida nos seus monumentos. Precisamos portanto estudar qual foi a ordem politica e moral que tiveram esses povos, debaixo do ponto de vista da architectura; pois que, para se analysar a sua arte monumental, não basta explicar a maneira d'essas edificações, nem o modo como se lavrava uma columna: mas sim irmos descobrir qual foi o genio e o intuito, que presidiu á concepção d'essas obras gigantescas, as quaes nos darão a manifestação do pensamento representado pela architectura, afim de conhecermos positivamente qual fôra a sua origem, e o seu desenvolvimento historico.

Sendo pois a architectura tão antiga no mundo, tendo-se desenvolvido tanto em diferentes epochas, apparecendo tão nobre e tão bella entre alguns povos, e tão rara ou rudimentar em outras nações, tendo formas e datas tão diferentes, deve ter havido, sem duvida, causas particulares originadas infallivelmente pelos contrastes que existem entre as diversas raças humanas. Contentar-nos unicamente com a vista dos monumentos, ou com uma succinta analyse, não será sufficiente para penetrar o engenho creador que presidiu a esses monumentos, ou notar a falta d'elle em outros, para nos elucidar sobre o motivo poderoso, que produziu os diversos estylos e os caracteres particulares da architectura monumental dos povos d'essas eras remotas.

O quadro que patenteia o desenvolvimento da faculdade creadora e da intelligencia humana, manifestadas nas formas dadas á materia inorganica, taes como o porphyro, o granito, o marmore, a pedra, o bronze e a madeira, é certamente um dos espectaculos os mais instructivos, os mais bellos, e ao mesmo tempo os mais attrahentes para o homem instruido e para o artista intelligente.

Sómente, pois, estudando os monumentos de architectura dos diversos generos, essas testemunhas irrecusaveis do passado o mais remoto e o mais obscuro, é permittido iniciarmo-nos com certeza n'essas civilisações desde uma prolongada serie de seculos, afim de as fazer reviver no nosso espirito, e tirarmos uteis lições, uteis para o presente e para o futuro. O historiador, ajudado em grande parte pela historia da arte monumental, poderá averiguar com exactidão a essencia e o espirito das religiões, a historia, os costumes e as aspirações dos tempos passados: vindo a ser por conseguinte a historia d'esta arte da maior utilidade, indispensavel aos ar-

tistas, aos historiadores, aos philosophos, e até mesmo aos legisladores.

A geographia nos indica tres pontos principaes, que foram a séde primitiva das tres especies humanas, e egualmente a séde das tres raças de homens distinctos entre si. Nas elevadas montanhas e sobre as planuras que ficavam a uma consideravel altura acima do nivel do mar, ahi se deve procurar a patria dos homens primitivos, pois que só n'esses logares teriam elles encontrado um clima assás temperado, uma fertilidade natural, para lhes offerecer o necessario para poderem viver.

Entre estas raças principaes, é sem duvida a caucásica, a mais superior, que desenvolveu no mais subido grau a philosophia, as sciencias, e sobretudo as bellas-artes, estando ha mais de cincoenta seculos depositaria d'ellas. Tudo o que a sciencia nos ensina a este respeito, nos certifica ser a Asia a séde primitiva da especie humana; e a unica raça que se pôde aclimatar em todas as latitudes, foi a branca, a raça ariana, que habitou essa elevada cordilheira que separa a Asia da Europa, fugindo depois dos desertos onde a sua actividade não podia encontrar alimento, e sendo a raça civilisadora por excellencia, e a unica que tem deixado para a posteridade monumentos de architectura em todos os paizes onde pôde chegar: porém, passaram-se muitos mil annos antes que podesse imaginar edificações de templos á Divindade, e quando elles se construíram sómente n'esse tempo appareceu o *sentimento do bello*, o qual fez desenvolver a architectura, e desde então é que tambem o officio de construir se elevou até á altura de arte, guiando-se para as construcções dos monumentos religiosos por certas regras descobertas á natureza.

Temos apenas um pequeno numero de monumentos do verdadeiro mundo primitivo, da epocha em que os homens da raça assidua ao trabalho se empregavam n'elles por um sentimento natural, nato na sua propria raça. Os monumentos os mais antigos que se conhecem, á excepção d'aquelles do Egypto, e entre estes só os do antigo imperio, pertencem á segunda epocha das construcções architectonicas; e foram levantados na occasião de tormentas mui consideraveis, provenientes do instincto de rivalidade entre as tres raças, que lutaram constantemente até firmar a sua estavel independencia, a sua existencia politica e civil: contenda bastante renhida que tiveram os Tartaros, os Semitas e os Arianos que compunham as tres raças predominantes. Todavia chegou um tempo em que estes tres povos, havendo atravessado uma phase identica de desenvolvimento, forçosamente attingiram ao mesmo grau de civilização moral e intellectual. Desde o vi seculo antes da era vulgar, data um certo numero de monumentos da architectura nos seus respectivos paizes: só-

mente a antiguidade do vetusto Egypto permaneceu immutavel sobre as suas gigantescas bases.

Os sacerdotes, tendo sido os homens mais atilados e instruidos d'esses tempos primitivos, apoderaram-se do sceptro e governaram os povos; e eram elles ao mesmo tempo artistas e architectos; e obrigavam o povo a edificar em communidade os monumentos para a veneração dos seus deuses. Nota-se tambem na maior parte das crenças primitivas, uma dupla cathegoria de idéas theologicas; umas determinadas pelo estudo da natureza, outras pertencentes á historia e existencia mesmo da humanidade.

Por esta razão a religião tem tido sempre uma acção directa sobre todas as fórmulas dadas á architectura, desde a sua origem; e por este motivo, é esta arte de uma grande importancia para a apreciação do caracter moral e intellectual das diversas nações, servindo o seu estudo para se alcançar o conhecimento verdadeiro da historia dos povos.

As differentes fórmulas dadas ao culto foram destinadas á solemnização e ao embelezamento das ceremonias e das festas periodicas e nacionaes, provenientes da mudança das estações e da producção da terra fertilizada pela acção directamente divina do sol, e coadjuvada pela mão do homem. A religião antiga assim concebida, e o culto assim praticado, produziu no amago das raças caucasicas a architectura a mais sublime, a mais nobre e a mais esbelta. Deu ella origem ás fórmulas as mais puras, as mais magestosas, e ao mesmo tempo as mais agradaveis, como se observa na architectura do Egypto, grega, assyria, persa, indiana; e sob outro ponto de vista, creou tambem a dos celtas, que, mesmo na sua rusticidade material, não exclue uma grandiosa e extraordinaria sublimidade.

Servindo para manifestar materialmente as idéas de objectos que não existem, e que não apparecem na realidade, senão em virtude da — arte — e da qual a apparencia não tem por objecto a natureza, mas sim um fim determinado ou arbitrario, submettendo-se todavia á manifestação real d'esse mesmo fim, ás regras do bello, e da harmonia; fica só limitada á natureza inorganica, isto é, deixando-se a liberdade e o arbitrio como sua essencia: e foi devido a esta independencia, que obteve a faculdade de produzir as mais imprevistas de todas as artes liberaes.

É portanto pela forma material, pelas linhas, pelas superficies, pelos solidos e espaços abertos, que a architectura vem ferir nossa alma, em virtude dos sentidos. É de uma maneira absoluta, que o emprego e a combinação reflectida e proporcionada da linha recta deu em resultado a belleza da forma architectonica, proveniente do artificio racional de haver reunido linhas e angulos para formarem superficies e solidos, com que ella produziu a ordem,

a pureza e a graça dos monumentos construidos; e fazendo despertar em nós a sympathia pelo seu attraente aspecto: vindo em resultado a compor a architectura um concerto, um conjuncto harmonioso de proporções geometricas, que deu origem á verdadeira *musica da extensão*.

Consistindo a perfeição da architectura no emprego douto, judicioso e reflectido d'estas regras, tanto na sua applicação harmoniosa, como na aptidão do emprego d'esta harmonia musical, produzida pela imaginação, foi que constituiu o — *gosto na arte* —, vindo a ser ao mesmo tempo a causa do sentimento que nos dá a fruição do bello e do veridico na arte monumental: portanto a architectura a mais perfeita, será aquella onde se manifestar com simplicidade e mais completamente a belleza creada, a exemplo d'aquella que admiramos na natureza; e por isso a architectura é tambem a mais nobre e a mais difficil de todas as artes, exercendo egualmente uma influencia e uma acção muito mais directa sobre a existencia, *imperio este que não é dado ás outras artes conseguirem*.

A architectura não serve unicamente para as necessidades reaes e urgentes, como é facil de se comprehender, reflectindo que nós estamos continuamente em contacto com as suas producções; sendo ainda isto uma outra superioridade das muitas que frue sobre as outras artes liberaes.

Não se ergue a architectura propriamente chamada logo no começo das sociedades humanas: ella apparece muito tempo depois da phase patriarchal, quando as nacionalidades se tinham formado, e as exigencias collectivas exerciam já o seu poder. Para dar vida á architectura, é preciso a idéa, a concepção d'um Deus activo, é preciso haver guerras, heroes e a poesia épica: então a actividade e a faculdade creadora do homem se despertam, e transportam suas emoções á pedra, ao marmore e ao bronze. Desde logo, tambem se levantam monumentos á gloria dos deuses e dos heroes, onde n'essas sumptuosas construcções as leis da ordem e do bello são apresentadas e combinadas em grande numero. A architectura foi sempre no seu principio religiosa; seu fim primitivo foi de concorrer a tributar o culto ao Ente Supremo, d'um modo mais solemne e mais augusto. Na sua origem era uma arte hieratica, praticada exclusivamente por um sacerdocio poetico e ao mesmo tempo erudito: estes formaram depois para os filhos corporações secretas, onde se conservavam as regras e os conhecimentos adquiridos, e se observavam as sãs tradições dos seus antecessores.

Dependendo pois a manifestação da architectura principalmente da concepção mais ou menos verdadeira da idéa elevada de Deus, a qual influe tambem sobre a forma politica e social das nações;

depende igualmente da natureza dos materiaes empregados, e finalmente do grau de civilisação do povo onde ella se manifesta, conforme o seu espirito, o seu character; bem como do clima e da natureza do paiz em que elle habita: portanto no Egypto será a architectura *grave, triste e severa*, como são o aspecto das margens do Nilo e das montanhas que as cercam. Na Grecia, pelo contrario, ella será *elegante, esbelta, variada, graciosa, rica e alegre*, como é a natureza ao centro da qual teve origem.

Nas planicies de Babylonia, será *simples, regular e symetrica*, como são os materiaes artificiaes com os quaes foi formada, e que se moldavam em fórmas. Na India, nos sitios gigantescos, será ella *colossal*, mas sem *severidade*, participando ao mesmo tempo das architecturas grega e egypcia, porque as idéas religiosas d'estes dois povos tinham alguma analogia entre si; além de terem os materiaes e o solo da India igualmente alguma semelhança com aquelles pertencentes á Grecia e ao Egypto. Nos paizes dos celtas, a architectura será *rudimentar, rustica* e quasi *inculta*, como eram esses mesmos povos e as regiões em que habitavam.

Pelo que acabamos de expôr, se conhece que a architectura é a expressão mais verdadeira do character dos povos, manifestada pelas fórmas architectonicas, que os diversos povos haviam adoptado. Acreditavam elles ser o mundo a casa de Deus e o céu a sua habitação; e julgavam natural levantar uma habitação para Deus, á imitação do universo, e por esta razão ter um character divino. Eis aqui porque em toda a antiguidade reputavam a construcção dos Templos, como sendo uma arte religiosa, da qual os inventores eram os proprios deuses. Como os primitivos architectos tinham sido os deuses, e os primeiros mestres na arte de edificar; por este motivo confundiam esta sciencia com a sua theologia: formando uma arte puramente religiosa e confiando o exercicio d'ella a quem se occupava do conhecimento das cousas divinas, isto é, aos sacerdotes.

N'esta persuasão os indios reconheciam por architecto primitivo a BRAHMA. Os egypcios tambem attribuiam a invenção da architectura a OSIRIS. Os babylonios e os chaldeos adoravam ONNAES como fundadores das suas cidades e dos seus templos. Os gregos consideravam VESTA a deusa que tinha inventado a arte de construir casas, e PALLAS, a que tinha ensinado a architectura a Phérèklès. Por consequencia reputavam estes diferentes povos a architectura de origem sagrada, e ser uma arte significativa e symbolica. Eis aqui a explicação porque nos templos egypcios se representavam os tectos pintados de azul cheio de estrellas, e com figuras de todas as constellações, para imitarem o firma-

mento; assim como as columnas e capiteis pintados de diversas côres, para representar o aspecto que ha na superficie da terra, e parecendo sustentar ellas o firmamento, indicado pela côr celeste.

Por igual motivo, os antigos persas explicavam aos iniciados em templos subterraneos, de que maneira desciam as almas ao mundo material e voltavam para o mundo espirital; figurando igualmente para este fim no templo o universo inteiro, o céu e a terra. Na Grecia, os architectos pelasgos imitaram nas cupulas, por cima a terra, e por baixo d'ella a aboboda celeste, figurando o abysmo no seio da terra. Vemos pois, que os antigos povos eram concordes em representar o mundo, sendo elle uma manifestação, uma revelação de Deus, em todas as coisas da criação, havendo sido determinadas conforme a arithmetica e a geometria; logo era preciso tambem, que tudo aquillo que fosse reputado emanação divina, se determinasse da mesma fórma, isto é, por quantidades e dimensões; ficando por esta maneira a arithmetica e geometria reputada uma sciencia pertencente á divindade.

Pelo que acabámos de expôr, devemo-nos convencer de que a architectura, principalmente a religiosa, não pôde tirar a sua origem das necessidades materiaes, assim como pretendem alguns auctores; pois se admittissemos esta opinião, transformariamos esta nobre arte meramente em uma industria; roubar-lhe-hiamos as suas preciosas prerogativas, a sua essencia divina, em uma palavra, destruir-se-hia todo o seu valor e poesia! Se ella fosse unicamente industrial, devia ser simples, e não precisar de ornatos; porque é só dado á imaginação inspirar o genio do architecto para produzir fórmas nobres e puras, como se executaram n'esses grandiosos e bellos monumentos da antiguidade, que adiante descreveremos; porém agora, explicarei primeiro o que representam os dois mais importantes monumentos do Egypto.

A estampa n.º 1^a é do templo de *Luxor*, o qual occupa parte do terreno da antiga Thèbas, e foi edificado por Sésostris, o mais celebre dos reis do Egypto da era 1499, antes de J. C. Este edificio que está no seu estado primitivo, nos dará uma idéa da grandeza d'esta magnifica construcção, assim como nos mostrará qual é o effeito grandioso, que a arte monumental no Egypto soube inventar, a qual parece, pela sua formidavel solidez, não só desafiar os estragos do tempo, como ter sido creada de proposito para causar o assombro das futuras gerações pelas suas fórmas colossaes que tanto a distinguem entre as outras architecturas dos antigos povos.

Não se contentavam os egypcios em enriquecer

1 Será publicada em um album, em separado, com as outras estampas respectivas d'esta materia.

unicamente as fachadas d'estes monumentos com um sem numero de esculpturas, para indicar de longe o logar occupado pelo templo, collocando elevados monolithos pyramidaes dos seus obeliscos; além dos grandes mastros tendo no extremo flâmulas com as tres côres symbolicas, tambem tinham por costume ornar o interior das praças com avenidas extensas, para indicarem as entradas dos seus magestosos edificios, estando em harmonia com a magnificencia empregada nos seus templos; mobilavam essas praças, permitta-se a expressão, com numerosos pedestaes, portaes, e mil attributos para darem maior realce ao effeito geral do monumento principal, parecendo mais uma decoração festiva destinada para alguma solemnização nacional. Quando appareciam em publico os monarchas d'este povo, eram conduzidos em andores rodeados das suas guardas, trazendo todas as insignias arvoradas em roda da sua pessoa, para indicar a sua poderosa auctoridade; e levados como em triumpho pelos principaes personagens do paiz, sentados em um throno portatil, de cada lado d'elle um alvissimo abano, ou farobella, como attributo da sua alta cathegoria.

Quando se examinam esses monumentos esculpidos nos flancos das montanhas, como, por exemplo, os dois *Spéos* de Ibsainboul, na Nubia inferior, do anno 1822 antes de Jesus Christo, a nossa razão fica ainda mais attonita, duvida do que n'elles observa; parece-nos impossivel que fossem homens que tentassem trabalhos d'esta ordem, havendo esculpido sobre a propria rocha estatuas gigantescas com trinta e seis pés de altura, perfurado as entranhas da mesma rocha, fazendo escavações para espaçosos sanctuarios, conservando-lhe todavia o seu aspecto geologico, e tendo tido a precaução de reservar a pedra necessaria para se formarem estatuas e varios altos relevos dentro d'aquelles recintos! Só pensar ter-se concebido tão ousada obra, já nos confunde o espirito, quanto mais tel-a executado em mais de um logar, com bastante arte e primor! Quem ousaria no tempo presente emprehender uma construcção tão collossal e difficil, servindo-se dos unicos meios de que dispunham então os egypcios?

Não é preciso para o estudo de que nos occupamos considerar qual seria a melhor applicação, n'aquelle seculo, que se deveria dar aos avultados capitaes empregados n'essa extraordinaria obra. Quando tratamos, em geral, da importancia que as bellas artes apresentam na sua significação a mais sublime, devemos banir a idéa de qualquer especulação, porque onde é necessario haver toda a liberdade do pensamento para que as obras das artes liberaes possam exprimir a maior poesia e sempre um sentimento elevado, por força deverão ficar excluidos os interesses pecuniarios, pois seriam elementos heterogeneos, incompativeis com as producções sublimes que

tanto distinguem as bellas artes do prosaico calculo da vida material e interesseira do commum dos homens; portanto, considerando a arte monumental sómente sob o seu verdadeiro ponto de vista do merecimento artistico que deve ter, diremos que nenhuma obra no mundo se poderá comparar ás de que estamos fallando! Se considerarmos egualmente o espectáculo vi-to-o dos costumes d'essas eras, quando as barcas douradas, com as suas purpurinas velas, transportavam numerosos adoradores das divindades egypcias, ás quaes esses templos eram dedicados; quando das bordas escarpadas do rio sagrado, o Nilo, se enca-minhava fervorosa essa multidão, enchendo compacta a avenida ingreme para penetrar no sanctuario e tributar aos deuses graças pelos beneficios que recebia da mãe do mundo, a *terra fertilisada*, ao fitarem esse sanctuario monolitho, ficariam certamente ainda muito mais crentes na sua fé, pois unicamente com a protecção da divindade poderiam elles suppôr se tivessem executado semelhantes construcções, pois que a sua restricta imaginação, a sua debil e acanhada intelligencia não podiam conceber que frageis mortaes fossem os auctores de obra tão estupenda e surpreendente; portanto, fascinados pelo que viam, acreditavam piamente serem os seus idolos os verdadeiros architectos d'esses fâmosos templos! É d'esta maneira arrebatadora e quasi incomprehensivel que a arte monumental lhes feria a sua imaginação e os obrigava á admiração de todos, e mostrava qual era a influencia do seu character grandioso, não sendo unicamente na solidez que se baseava a sua significação, mas sobretudo no sublime da sua composição e no maravilhoso effeito do seu aspecto monumental.

(Continua)

O architecto,

J. P. N. DA SILVA.

SECONDO CONGRESSO

DEGLI ARCHITECTI ED INGEGNERI ITALIANI IN FIRENZE

Relazione del segretario generale ing. Giovanni Pini. Firenze, 1876

II

(Veja-se o artigo I no *Boletim* n.º 5 da 2.ª serie, pag. 69 e 70)

Vimos no artigo antecedente as conclusões a que chegou o congresso a respeito da conservação ou reparação dos *monumentos*.

A essas conclusões fez a secção competente, por desejar que o assumpto fosse encarado debaixo de todos os aspectos, e nas diversas hypotheses occorrentes, os seguintes additamentos, sob propostas de professores:

1.º Deseja-se que no decreto para expropriação por utilidade publica se insira a clausula de — sus-

pendar os trabalhos no perimetro de qualquer predio expropriado, quando se descobrir algum monumento, até que a auctoridade, consultadas previamente as competentes corporações archeologicas ou antigas, dê as providencias que o caso pedir.

2.º Pede-se ao governo que facilite as concessões de locaes, quando as commissões conservadoras dos monumentos fizerem a competente requisição.

Pelas indicações que apresentámos no primeiro artigo, agora additadas com os pedidos da secção, vê-se que os architectos italianos olharam attentamente para o importantissimo assumpto da conservação, reparação e restituição dos monumentos, e dos objectos de arte recommendaveis sob o ponto de vista archeologico.

Guardadas as devidas proporções, tambem a Portugal convém e muito interessa que apertadamente se applicuem providencias e sollicitos cuidados ao mesmo empenho. Aqui levantamos um novo brado, para que os poderes publicos, o parlamento, as corporações competentes, e os particulares instruidos não se descuidem de arredar a perda fatal de preciosos thesouros, que ás nações cultas são tão caros.

Temerarios que nós somos! Ousámos levantar novo brado, quando ainda hoje sóa o de uma voz poderosa que ha quarenta annos ouviu todo o Portugal:

«É contra o espirito destruidor d'esta geração que ora vive, que ergueremos a voz: erguel-a-hemos a favor dos monumentos da historia, da arte e da gloria nacional, que todos os dias vemos desabar em ruinas.»

Aquelles que, ao verem cair em ruinas grandiosos monumentos, perguntavam: *Que importa?* — res; ondia essa voz poderosa:

«Barbaros! Importa a arte, as recordações, a memoria de nossos paes, a conservação de cousas cuja perda é irremediavel, a gloria nacional, o passado e o futuro, as obras mais espantosas do entendimento humano, a historia e a religião.»

Se muitos viajantes haviam visitado Portugal, tinham elles sido attrahidos por outros motivos que não fossem o virem «admirar o mosteiro da Batalha, o templo romano de Evora, o castello da Feira, a collegiada de Guimarães, o convento de Belem, e, emfim, tantas obras primas de architectura, que encerra este cantinho do mundo.»¹

No congresso de Milão, anterior ao de Florença, houve o pensamento de investigar as condições fundamentais de um estylo architectonico, o qual, apro-

veitando os novos progressos da sciencia e dos materiaes de construcção, sirva para as necessidades, para os usos, para os costumes de hoje nas provincias italianas, e represente os caracteres naturaes e historicos.

Firmou-se o principio de que «o externo deve corresponder ao interno, o ornamento ao uso, a esthetica á razão de ser.» (*L'esterno corrisponda all'interno; l'ornamento all'uso; l'estetica alla ragione d'essere*).

Cumpre confessar que era muito vaga esta formula, muito pouco determinados e explicitos os criterios que ella fixava. Tornava-se, pois, indispensavel que o *Segundo Congresso* voltasse ao assumpto.

D'esta vez formulou-se em termos muito mais claros a questão, e d'um modo que permittia maior desenvolvimento do assumpto e facilitava o estudo e solução.

Eis a formula em que o quesito foi apresentado ao Segundo Congresso:

«Se a extensão que nos tempos modernos adquiriu o emprego do ferro e de outros mineraes na arte de fabricar, pôde dar logar á investigação de um estylo architectonico especial, que deva fazer parte dos estudos do architecto, quaes exemplos poderiam servir de norma para tal estudo, e a quaes objectos poderia ser applicado com oportunidade?»

Faltou, porém, o tempo necessario para se discutir este ponto; e porque é elle de summa importancia e de mui difficil resolução, recorreu-se ao expediente de nomear uma commissão, encarregada de estudar o assumpto, e de apresentar ao *Terceiro Congresso* os elementos mais seguros para uma discussão grave e profunda.

Foi depois objecto de consideração a conveniencia, antes a grande vantagem de fundar na Italia um *Jornal de architectura*, que contribuisse para o progresso da arte e da sciencia architectonica por meio da publicação de escriptos e desenhos adequados.

Aqui a questão reduzia-se a encontrar os meios pecuniarios de custear uma empreza dispendiosa; mas pela natureza da missão de um congresso, e pela estreiteza do tempo, não teve este assumpto a solução conveniente.

A secção reconheceu tambem a necessidade da composição d'um bom *Diccionario de architectura*; e votou que se pedisse ao ministro das obras publicas, que de accordo com o da instrucção publica fundasse um premio para quem quer que apresentasse um trabalho perfeito n'esta especialidade.

O congresso passou a tratar de interessantes questões relativas a estradas nacionaes, provincias e communaes, — e a outros objectos de ponderação, — que aliás entram em outra ordem de estu-

¹ Alexandre Herculano. *Monumentos*. Dois artigos insertos no *Panorama* de 1838.

dos que não quadram á indole privativa d'este *Bolletim*.

Ao chegarmos á conclusão do nosso humilde trabalho, affigura-se-nos que apresentámos aos leitores

o enunciado da solução de questões ponderosas, em que muito vae de interesse para a architectura e para a archeologia.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

SECÇÃO DE CONSTRUCCÕES

CONSIDERAÇÕES

Á CERCA DA

HYGIENE DAS CONSTRUCCÕES CIVIS E PUBLICAS

Technologia da edificação

(Continuado do n.º 4, pag. 50)

III

Iluminação pelo gaz. — Sobre este objecto transcrevemos aqui exactamente o que diz a *Revue* á cerca do assumpto: ¹ «Nos grandes centros de população, o gaz tem desthronado quasi todos os systemas de iluminação; comquanto a persistencia em logar onde se queime gaz hydrogenio predisponha as tosses e as doenças pulmonares, além de poder resultar um verdadeiro definhamento a todas as pessoas obrigadas a respirar continuamente um ar saturado de residuos da combustão do gaz. Não podemos tambem deixar de reconhecer que para se evitar o mephitismo da combustão do gaz é necessario uma quantidade de ar egual áquella que seria necessaria para sanear a viciação da respiração, e transpiração reunidas, em paridade relativa.» ²

Salubridade das diversas partes d'uma casa de habitação. — Principiaremos pelos subterraneos que se encontram em muitos predios, os quaes são altamente insalubres, tanto pela humidade, como pela defeituosa renovação do ar.

Quasi nas mesmas circumstancias se podem considerar os pavimentos terreos que fiquem soterrados por um ou mais lados, e sem que recebam luz e ar por mais de um dos lados, muito principalmente se o lado ventilado não estiver exposto ao nascente.

Quando, porém, aquelles generos de pavimentos são utilizados para estabelecimento de cosinhas, onde

haja ordinariamente calor e uma boa ventilação, são então de pouca monta os inconvenientes apontados. Mas se em logar de serem assim aproveitados, elles servirem de alojamento, não só d'uma pessoa, mas até de familias inteiras, como temos visto em varias partes, então essa disposição torna-se perigosa, não só aos habitantes, mas tambem á população local, como foco de infecção, e é sem a menor duvida que d'ahi provém muitas affecções reumatismas e escrophulosas que inutilisam e dizimam os habitantes.

Os andares terreos (*rez-de-chaussée*) para serem saudaveis devem estar elevados da terra pelo menos de cinco a seis degraus, edificados sobre cosinhas bem dispostas e arejadas, ou então sobre subterraneos de aboboda (*caves voutées*).

Nas ruas estreitas e humidas, especialmente em locaes onde haja grande accumulção de povoação, aquelle genero de habitações é sempre perigoso, pela defeituosa renovação de ar, e pela falta de calor e luz do sol. Nas mesmas circumstancias devem ser considerados os quartos e vãos de escada, e os fundos não ventilados das lojas e armazens. Comtudo, os srs. architectos e mestres de obras conhecem bem os meios de preservar os rez-do-chão de alguns dos seus inconvenientes, especialmente os que provém da humidade.

A pequena elevação acima do terreno de que já fallámos, e nas circumstancias então indicadas; — a applicação d'uma camada de asphalto ou cimento sobre o terreno, que abranja um pouco mais a grossura das paredes, evitando assim a ascensão da agua; — uma corrente de ar bem estabelecida por entre o vigamento que sustiver o sôlho, o que impede a ascensão da humidade evaporada da terra, e conserva uma secura continua; — distancia razoavel e nunca minima entre o sôlho e o sobrado; — assentamento das extremidades do vigamento em cantaria: são precauções conhecidas das pessoas competentes, e que só podem ser desprezadas por aquelles que desconhecem os principios de hygiene e estabilidade das construcções.

Ha tambem uma circumstancia que se não deve nunca desprezar, é a distancia e arejamento dos vigamentos proximos da terra, porque a humidade, apodrecendo as madeiras, produz-lhes damno e uma fermentação ou decomposição muito prejudicial á saude, além de ser um incommodo continuo o cheiro a bafio, sem mesmo fallarmos dos danos que podem provir da accumulção de bichos e sua decomposição.

É sabido que, á medida que sobem os pavimentos (andares), a humidade diminue e o ar é então mais secco, por isso mesmo que o calor e luz solar penetram pela mesma razão mais facilmente, e é por isso que são justamente considerados como mais saudaveis os andares superiores de um predio.

¹ Por tudo que temos escripto em relação á iluminação pelo gaz, os leitores podem julgar que dizemos a verdade, quando declaramos que aquelle genero de iluminação é excessivamente insalubre e perigoso, e o aquecimento das casas por aquelle meio é ainda mais danoso, por isso que facilmente se esquecem as precauções que se devem tomar para que o não seja, resultando d'ahi um padecimento a — asphyxia chronica — á cerca da qual fallaremos largamente, por isso que contamos, nas proximidades do inverno, prevenir os leitores contra tal systema de iluminação e aquecimento, que tende a generalisar-se, quando devia ser completamente bandido de todas as habitações. As opiniões dos auctores que citaremos provarão amplamente que fallamos com verdade e imparcialidade, na melhor boa fé. — *Nota da redacção.*

² Em relação aos perigos e inconvenientes da iluminação pelo gaz hydrogenio, tencionamos publicar um artigo especial, traduzindo o que diz a *Revue*, que são os dizeres a que a redacção se refere na sua nota.

Não deve porém ser permittido grande elevação nas casas, por isso que prejudica a hygiene publica, porque a grande altura dos predios, concorrendo para a insalubridade das ruas, occasiona a insalubridade das casas, na razão directa da estreiteza das ruas. Os andares proximos dos telhados são sempre muito quentes de verão e frios de inverno, e esse excesso de temperatura relativa é sempre prejudicial aos habitantes, especialmente velhos ou creanças.

O que acabamos de dizer é em relação ao systema de telhados usados em Portugal, onde o ferro, o zinco e a ardósia ¹ são pouco usados, porque se o fossem, seriam muito mais consideraveis os inconvenientes.

Dimensões das diversas partes de um predio de habitação. — As dimensões que devem ter as diversas partes de uma casa devem ser calculadas segundo o seu destino e numero de pessoas, ao uso das quaes a casa deve servir.

Será essa a regra que observam os edificadores? Attendem a esse preceito os habitantes? Julgamos que nem a uns nem a outros passou nunca pela idéa tal exigencia da arte e da hygiene.

Mas nós já sabemos que são precisos a um homem oito a dez metros cubicos de ar atmospherico para conservar a sua respiração em estado normal e dissolver o vapor da agua por elle exhalado. O resultado portanto d'essa exigencia é indicar que as dimensões convenientes a um quarto (por exemplo de dormir) seriam oitenta metros cubicos, suppondo que o somno dure oito horas, e que durante a noite não haja renovação de ar. Seguindo porém á risca aquelle cálculo, cahir-se-ia em uma exaggeração de preceitos hygienicos, mesmo porque, por mais bem vedado que fosse um quarto, nunca se dava o caso de não penetrar n'elle o ar. É por isso que se adopta como regra usualmente que um quarto de dormir deve ter um espaço duplo de um quarto habitado tão sómente de dia, attendendo-se ao espaço occupado pelos moveis e a facil ou difficil ventilação.

Por outro lado, quando se construe um quarto, é impossivel de afiançar que elle será occupado por uma só pessoa; ao contrario, deve-se presumir que não é isso o que ha de acontecer, se attendermos aos usos e costumes do nosso paiz, especialmente nas classes operarias e menos abastadas.

É por isso que se não devem dar dimensões muito restrictas aos quartos, isto é, que nunca tenham menos de 3^m a 3^m,50 de altura por 4^m em quadrado de largura.

Dado porém o caso de se encontrar o quarto feito, convirá saber quantas pessoas o podem habitar sem grande inconveniente.

Suppondo que o quarto tem quatro metros de altura, tres de largo e cinco de comprimento, o que corresponde a sessenta metros cubicos, n'esse caso poderá ser habitado por seis pessoas durante o dia, tres sómente durante a noite, contanto que lhe não seja muito vedado o ar, e o espaço occupado pelos moveis não seja demasiado.

A collocação das portas e janellas é tambem uma circumstancia que influe na salubridade das habitações, e é para lastimar que em relação a esse cuidado se attenda ordinariamente mais á symetria do que á hygiene da casa.

As portas devem ter tamanho sufficiente, collocadas quanto possivel em frente das chaminés ou das janellas, afim de favorecerem a renovação do ar.

As janellas devem ser grandes, e tantas quanto o possivel para deixar livre e abundante entrada á luz solar, que é um poderoso absorvente. A sua construção deve ser feita com esmero, tanto em esquadria como em relação a vedamento, afim de se evitar a introdução do ar *coado*; devem-se abrir facilmente; convém tambem que a sua elevação em relação ao sobrado não seja demasiada; entre elle e o peitoril é sufficiente a de 40 a 70 centímetros; o intervallo entre a janella e o tecto não deve exceder a 35 centímetros: as janellas rasgadas (de sacada) são sempre mais convenientes.

A exposição a leste é sempre a que se deve preferir, e em todo o caso se deve optar antes pela do meio-dia do que pela do norte, podendo-se mitigar o calor dos mezes de verão por meio de persiannas, taboinhas ou *stores*.

Ventilação. — A ventilação dos quartos que não têm janellas ou portas de correspondencia, pôde obter-se facilmente, pondo esses quartos em correspondencia com a chaminé geral do predio ou a dos fogões de salla, porque, quando o lume está acceso, a tiragem opera-se facilmente, em virtude da combustão, e quando mesmo não ha fogo, a respiração dos habitantes augmenta o calor do quarto, e por consequencia ha o augmento progressivo de calor ao ar contido ali, e sendo então o vapor da agua exhalado, mais leve que elle, resulta uma tiragem espontanea de ar corrompido. É porém necessario, para que se opere essa tiragem, que haja no quarto uma saída convenientemente estabelecida.

Dado porém o caso de se não poder estabelecer comunicação directa com a chaminé, devem-se construir ventiladores de tiragem nos tectos, por meio de corrediças tuboladas em relação com a atmosfera, ou por algum outro meio, sem esquecer o da chaminé *d'appel* que poderá mesmo ser empregada, a despeito de qualquer outra chaminé, se o quarto não fôr espaçoso ou tiver tecto baixo.

O mesmo meio se deve adoptar quando a casa tiver de servir para reunião habitual de muitas pessoas.

Não é este o lugar nem a occasião de fallarmos ácerca da ventilação em geral, com referencia a todos os generos de edificações e exigencias relativas, por isso mesmo que as pessoas competentes para edificar conhecem o que está largamente escripto a tal respeito; o nosso fim não é escrever para esses, e tão sómente fazer conhecer aos que mandam edificar os perigos de que ha a fugir, afim de que procurem quem os saiba evitar.

Aquecimento das casas. — Em Lisboa o aquecimento das casas não seria talvez circumstancia indispensavel; não acontece, porém, o mesmo nas terras ao norte do paiz, e mesmo em outras provincias, onde o aquecimento é uma necessidade. Até 1833, eram poucas as casas onde se encontrasse *fogão*, e quanto a edificios publicos, em nenhum havia aquecimento. Depois d'essa epoca principiou o uso de fogões fixos e portateis, *poêles*, etc., e hoje poucas casas se edificam sem chaminés de aquecimento. e são essas as que se prestam a melhor aquecimento, mais simples e mesmo mais saudavel, com quanto se accusam de deixar perder mais de metade do calor produzido. Esse defeito é porém assás compensado pela prompta renovação de ar que promovem.

¹ Ácerca dos diversos systemas de cobertura fallaremos em outra occasião.

Infelizmente, quando são mal construídas, e sem que se attenda ás regras que a sciencia ensina, offerecem inconvenientes que são sempre nocivos, tanto á saude como aos moveis.

Aquecem então pequena parte da casa, gastando mesmo muito combustivel, o que se torna dispendioso e pouco util.

Produzem muito fumo, o que, além de prejudicar os quadros, estofos e cortinas, ataca e prejudica os olhos e os pulmões.

Taes inconvenientes diminuem guarneecendo o fogão de chapas metallicas, estreitando conicamente a chaminé ou tubo de tiragem e fazendo-a mais alta.

É tambem util, quando seja tubo metallico, sobrepor-lhe um capacete que gire pela acção do vento, e ter cautella que a saída do fumo não fique inferior

aos predios vizinhos, bem como se devem munir de registo.

Os *poêles* aquecem rapidamente um *quarto* ou sala; têm porém o defeito de seccar o ar, e quando são de folha de ferro, produzem um cheiro desagradavel, defeitos que, além d'esse incommodo, são origem de constipações e de soffrimentos de cabeça.

Produzem, é verdade, pouco fumo, em comparação das chaminés, mas quando estão muito esquentados, desenvolvem um calorico sempre perigoso, especialmente para as pessoas predispostas a affecções cerebraes.

O *poêle*, em geral, exige uma grande porção de ar para bem funcionar.

(Continúa)

F. J. DE ALMEIDA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

NOVOS MONUMENTOS MEGALITHICOS EM PORTUGAL

(Estampa n.º 26)

Tres dolmens foram descobertos na serra d'Ossa pelo digno socio correspondente da nossa associação, o sr. Gabriel Pereira, no fim do anno de 1877. Estes tres dolmens estão situados nas herdades da Candieira, das Thesouras e das Vidigueiras; o primeiro está no meio caminho que da villa do Redondo leva ao mosteiro de S. Paulo, a duzentos metros á direita da estrada; o segundo fica no caminho da serra e campo da Palheta, e no caminho de S. Miguel de Machede; o terceiro está na parte murada da herdade das Vidigueiras: acham-se tão proximos uns dos outros que parece formarem ali um agrupamento de antas.

Descreverei em primeiro logar estes dois ultimos. O dolmen das Thesouras está muito arruinado e quasi todo deslocado; consta de tres grandes pedras, que o desenho mostra, e que parecem tres *mesas*. Muitas lages de grandes dimensões, antigos esteios, jazem ali na maior desordem; algumas partidas. A grande mesa mais erguida está igualmente partida. Entre as tres grandes mesas está derrubada uma pedra de fórma singular; é um pilar grosseiramente faceado, de feitio prismático, com cinco faces, tendo quasi tres metros de altura e mais de meio metro de espessura. Encontra-se n'um montado, em uma altura de duzentos metros da estrada, para o norte.

O dolmen das Vidigueiras tem ainda quatro esteios erguidos que sustentam a mesa; outros cinco estão deslocados. Este dolmen tinha galeria voltada ao oriente; o monticulo que lhe serve de base parece artificial; as mesas da galeria estão deslocadas.

O dolmen furado da Candieira é mui notavel pelo buraco que apresenta na pedra que fórma o fundo

da *camara*. Situado entre um olival e um pinhal, a trezentos metros da estrada, encimando um pequeno cabeço, é formado por seis grandes lages de schisto, formação geologica dominante n'esta serra.

A altura d'esta construcção prehistorica é superior a dois metros. Assenta a mesa sobre quatro pedras. O monticulo é natural. A lage do fundo tem a pouco mais de meia altura uma abertura circular feita com regularidade e visivelmente artificial. Deslocaram um só dos esteios para penetrar no interior do dolmen. O espaço comprehendido pelas lages tem 2 metros de comprido por 1,5 de largo.

Na face superior da mesa não ha vestigio de cavidade; tambem nas faces dos esteios e na face inferior da mesa nenhum signal apparece de quaesquer symbolos ou caracteres.

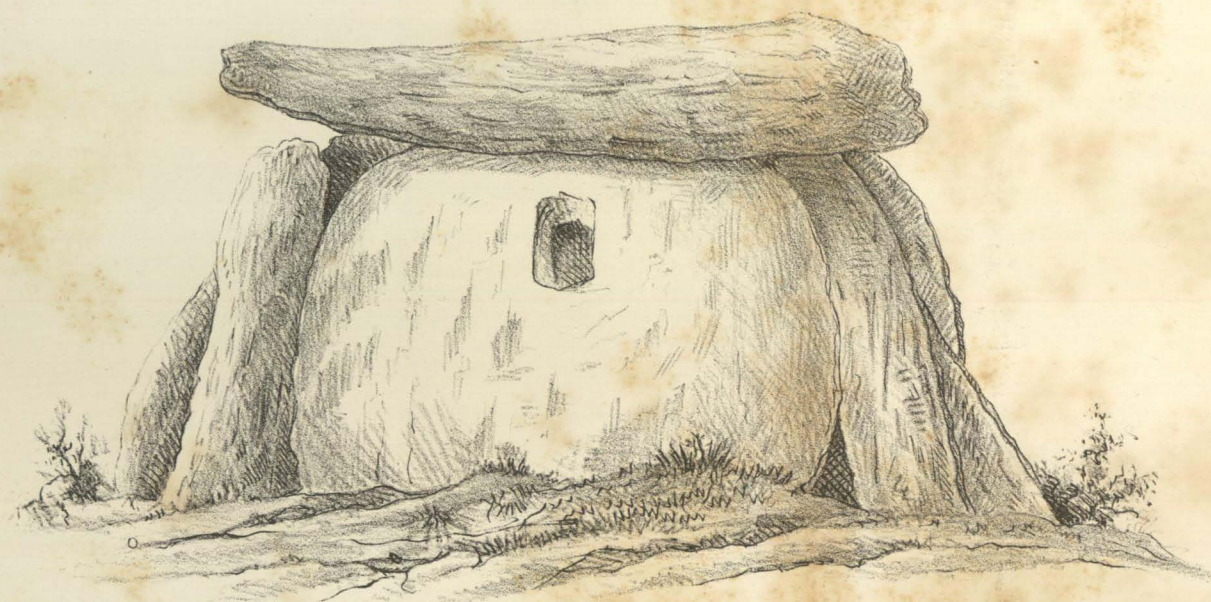
É o primeiro monumento megalithico que se conhece com esta particularidade em Portugal; a sua descoberta deve considerar-se muito importante para os estudos archeologicos.

Existe em França um grande dolmen, tambem furado, no departamento de Oise, designado pelo nome de Trye-Château, que se ergue á altitude de noventa e oito metros, com a direcção do norte. É composto d'uma galeria de pedras de sete metros de comprimento; formam-lhe a entrada duas pedras collocadas obliquamente, em relação ao eixo do monumento, e sustentando a pedra da mesa inclinada 30° para o sul; a qualidade das pedras é silico-calcarea. A pedra da mesa mede 3^m,85 de comprimento e 1^m,85 de largura, e um metro na parte de maior grossura; os esteios tem 1^m,60; o buraco, que na primitiva era arcular, tem 0^m,42 de diametro por 0^m,52.

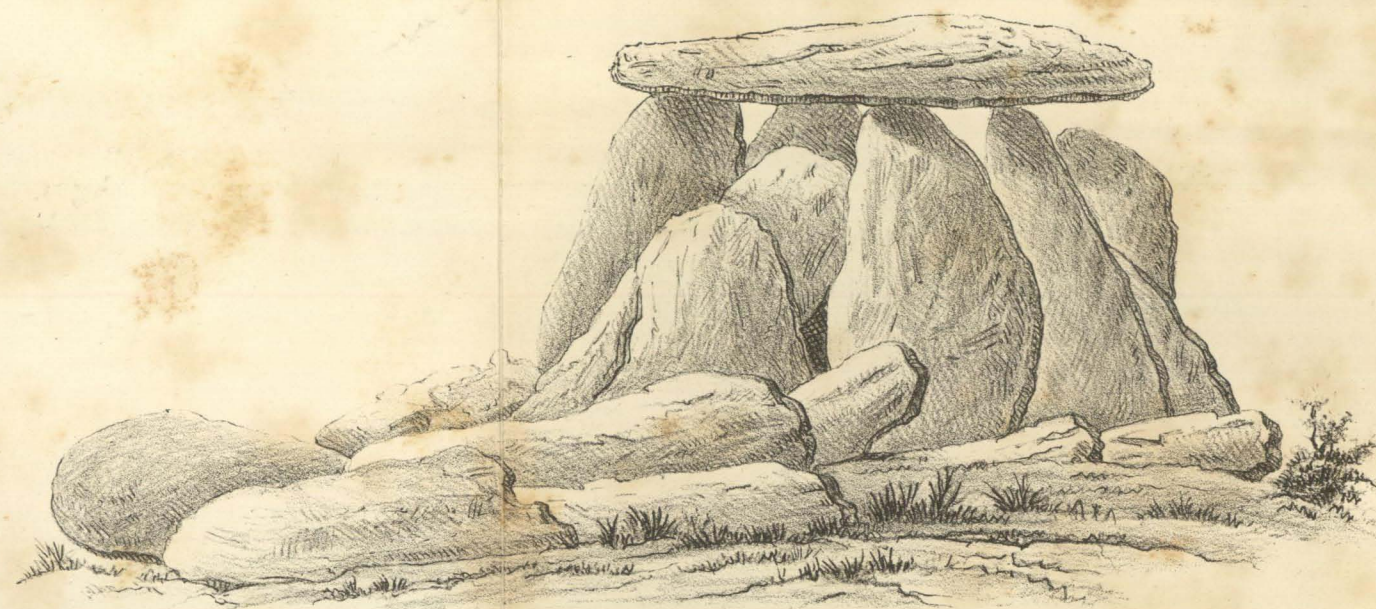
Varias hypotheses se tem formado ácerca da applicação que deveria ter a lage furada da *camara* do dolmen. Ultimamente mr. Léon de Vesly disse

Boletim

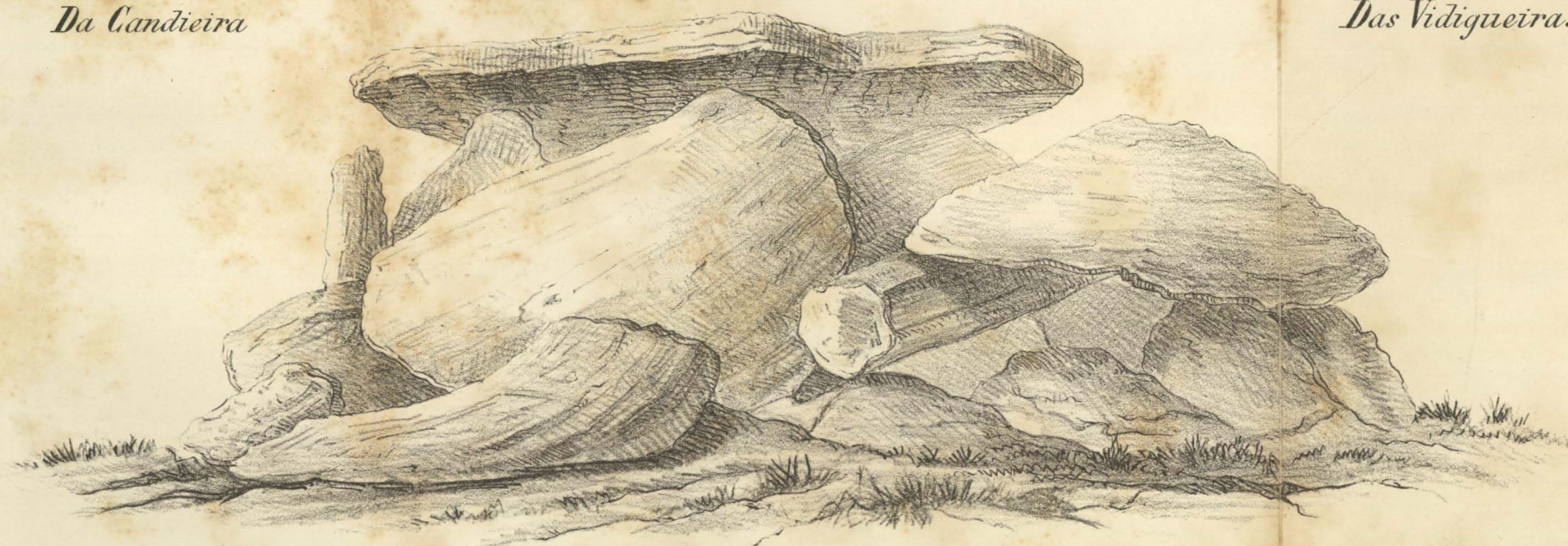
DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES



Da Candieira



Das Vidigueiras



Das Thesouras

Os Dolmens da Serra d'Ossa

que essa lage serviria para se introduzir os cadáveres, pois que, estando estes monumentos cobertos de terra, não era natural removê-la todas as vezes que houvesse algum corpo a sepultar; por este motivo, praticando um furo na pedra, por elle se introduziria o cadáver, sem ser preciso desfazer a camada de terra que revestiam estes monumentos megalithicos.

Esta explicação poderia ser adoptada, mas, a meu ver, ha uma objecção que a destroe: não se encontram os outros dolmens com igual disposição, e unicamente um só em França offerece esse exemplo; aliás, se servissem para o fim designado pelo archeologo francez, deveriam todos os dolmens apresentar identica disposição.

J. DA SILVA.

A SOCIEDADE REAL

DOS

ANTIQUARIOS DO NORTE

Vista á luz d'um notavel discurso do sr. Worsaae ¹

Celebrava-se em 1875 o quinquagesimo anniversario da fundação da Sociedade Real dos antiquarios do norte, no palacio de Amalienborg, quando o sr. J. J. A. Worsaae, vice-presidente d'ella, proferiu um discurso interessante, que nos ministra os meios de conhecer a historia de tão recommendavel instituição.

Guiados por esse luminoso facho, daremos uma resumida noticia da historia e serviços da Sociedade que tem a sua séde na capital da Dinamarca, e pelos seus esforços e desvelos grangeou alto conceito na Europa e na America.

Os trabalhos que a Sociedade tomou á sua conta datam do presente seculo, e abrangem o periodo de cincoenta annos até ao de 1875, que outros tantos tinha ella de existencia.

Ainda no seculo XVIII não havia assomado a aurora d'esses estudos das antiguidades septentrionaes; sómente captivavam a attenção dos homens de letras os estudos da antiguidade classica. Nem a imaginação mais viva podia antever o brilhante futuro que aguardava as antiguidades que do solo seriam desentranhadas, e tamanha luz haviam de lançar sobre a nebulosa historia de remotas eras.

No principio do presente seculo occorreu a Nierup a feliz lembrança de fundar um museu das antiguidades do norte; mas, apesar da boa vontade que encontrou em Frederico VI, nos ministros d'este, e

até no povo, não pôde realisar esse projecto, em razão do infortunio que visitou a Dinamarca, qual foi o da perda da sua esquadra, e o da desannexação da Noruega.

Em 1815 começa uma nova era para os estudos archeologicos. Em 1825 é fundada a *Sociedade dos antiquarios do norte*, tendo esta a missão de publicar e interpretar os velhos escriptos septentrionaes, e, em geral, tudo o que tende a allumiar a historia, a lingua, e as antiguidades do norte. Passados tres annos, é confiado á Sociedade o titulo de «Real», e em 1829 é favorecida com um subsidio do Estado.

Depois de varias alternativas, que seria longo relatar, coube á Sociedade a boa fortuna de ver publicar, em 1837, uma obra preciosa: *Antiquitates Americane*, na qual o illustre e incansavel Rafn reuniu materiaes para a historia das viagens repetidas dos Scandinavos á *Vinland* (America), quinhentos annos antes da viagem de Christovão Colombo.

De 1838 a 1845 foi publicada outra obra importante: *Os monumentos historicos da Groenlandia*, contendo não só as narrações das sagas e das chronicas mais recentes sobre as colonias scandinavas da Groenlandia, mas tambem extractos das viagens mais modernas, e de importantes investigações archeologicas.

Ao lado do *Museu de antiguidades* foi estabelecido o *Gabinete americano*.

Differentes publicações foram apparecendo, graças, principalmente, á actividade do mencionado Rafn, secretario da Sociedade, e verdadeira alma d'esta. Em 1852 publicou: *Antiguidades russas*; em 1856, *Antiguidades do oriente*; em 1857, o *Atlas da archeologia do norte*.

Depois do *Lexicon poeticum antiquæ linguæ septentrionalis*, por Egilsson (1860), e a *Clavis Poetica*, de Grændal, em 1862, — appareceu, em 1863, o *Diccionario da antiga lingua norrena*, — a par dos *Annaes*, da *Revista archeologica*, e das *Memorias* que a Sociedade continuava a publicar.

Em 1861 fôra Rafn nomeado secretario perpetuo da Sociedade, como que em recompensa da espantosa actividade que desenvolvera sempre. Mas falleceu no dia 20 de outubro de 1864, na idade de quasi 67 annos. Tenho diante de mim o retrato de Rafn, e nas feições d'elle vejo estampados os signaes de meditação, de energia e de tenacidade.

Os primeiros cincoenta annos da existencia da Sociedade têm sido prosperos, e o sr. Worsaae espera que os cincoenta proximos futuros corresponderão aos que os precederam.

Os progressos realizados até ao anno de 1875 são, em grande parte, devidos ao apoio que a Sociedade tem encontrado nos soberanos da Dinamarca. Frederico VI marchou na vanguarda todos os dina-

¹ Discours prononcé par J. J. A. Worsaae, vice-président, devant la Société Royale des antiquaires du Nord, à l'occasion du 50.^e anniversaire de sa fondation dans la séance du 28 janvier 1875 au château d'Amalienborg.

marquezes que sustentaram a Sociedade e a comissão encarregada da conservação das antiguidades. Christiano VIII favoreceu ainda mais a sciencia e a arte; seu filho, o principe real Frederico, tomou com singular predilecção a presidencia da Sociedade, entrando nas discussões, e mandando fazer trabalhos de importante investigação. A mesma solicitude mostrou quando se assentou no throno, com o titulo de Frederico VII.

Christiano IX, successor de Frederico VII, é hoje o presidente da Sociedade. Aceitou o protectorado do congresso internacional de archeologia celebrado em Copenhague no anno de 1869. É o primeiro soberano que visitou a longinqua Islandia, dando assim occasião a uma nova saga islandica, que ha de brilhar perante as gerações futuras. Por vezes tem assistido ás sessões da Sociedade, e presidiu á commemoração do quinquagesimo anniversario.

Merece ser lido na sua integra o *Discurso*, do qual apresentamos um abreviado resumo. Paga um tributo de reconhecimento á memoria de Rafn; agradece a protecção que os reis de Dinamarca teem dado aos estudos archeologicos; faz sentir o quanto os particulares se hão interessado por esses estudos e trabalhos; dá noticia desenvolvida dos grandes resultados obtidos; e louva a dedicação de dois socios francezes, os srs. E. Beauvois e o padre L. Morillet, pelo facto de haverem feito conhecer aos estrangeiros a archeologia do norte e tudo quanto respeita a esses povos.

O discurso termina assim:

«Ao passo que apresento a vossa magestade os nossos agradecimentos, profundamente sentidos, ousou expressar a convicção de que o nosso fim deve ser o de que a Sociedade se torne digna, pela sua energia, perseverança e actividade, de trabalhar sob a protecção particular do rei da Dinamarca.

«Finalmente, sei que fallo em nome de vossa magestade, e no da Sociedade, quando enuncio a esperanza de que os cincoenta annos futuros hão de corresponder aos que os precederam, tão prosperamente decorridos; e que os talentos moços, que tão vigorosamente crescem entre nós, não só hão de continuar o que está encetado, mas hão de conseguir, com o tempo, resultados ainda maiores, em proveito da sciencia, e para honra da nossa patria querida.»

Formoso remate! Vivamente o applicamos a Portugal, a respeito de todas as associações e empresas que tenderem a felicitar e engrandecer a *nossa patria querida*.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

MEMORIA HISTORICA

DO

MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

DE

Menjas da Ordem de Cister da cidade de Portalegre

(Continuado do n.º 5, pag. 78)

VI

Falleceu o bispo D. Jorge de Mello ab-intestado a 5 de agosto de 1548,¹ deixando, além de varios predios rusticos e urbanos, um riquissimo espolio em baixela de prata, joias, dinheiro, escravos, guardamecins, e tapeçarias.²

Dos bens moveis tomou logo posse D. Helena de Mesquita, dos immoveis seu filho D. Antonio de Mello; pouco tempo, todavia, os lograram, porque a 13 de agosto de 1549 os renunciou e trespassou ao mosteiro D. Antonio de Mello com sua mulher D. Joanna da Silva³, e quatro dias depois, seguindo tão generoso exemplo, lhe doou, tambem, quanto possuia, D. Helena de Mesquita.⁴

E á liberalidade d'esta familia deveu o mosteiro a grande opulencia, que tem gozado até aos nossos dias⁵; porque, exceptuando os dotes, que, passados alguns annos depois da fundação⁶, se exigiram ás

¹ *Agiologio Lusitano*, Tom. I pag. 436. — Diz Jorge Cardoso, que o Bispo *fêz herdeiro* (sic) *de todos os seus bens á Ordem de S. Bernardo*; não é exacto, porque falleceu, como dizemos, ab-intestado.

² *Tractado da cidade de Portalegre por Diogo Pereira Souttomaior*.

³ Os bens que doou D. Antonio eram os que havia comprado seu pae na importancia de *um conto novecentos e um mil réis*, para os reunir á capella, que havia instituido, com duas missas quotidianas, uma a Nossa-Senhora da Conceição, outra á Vera Cruz. Foi confirmada esta doação por alvará d'El-Rei D. João III de 18 de março de 1550.

⁴ N'esta doação instituiu D. Helena de Mesquita uma capella com duas missas quotidianas, uma em honra das Chagas de N. S. Jesus Christo, outra em honra de N. Senhora d'Annunciação, revogando o testamento, em que vinculára todos os seus bens em morgado, a favor de seu filho D. Antonio de Mello, feito na Provencia, aos 15 dias de novembro de 1522. Foi confirmada esta doação por alvará d'El-Rei D. João III de 16 de maio de 1550.

⁵ Em consulta dirigida ao Governo pelo Prelado Diocesano em 27 de Dezembro de 1872 lia-se o seguinte:

«As rendas annuaes do mosteiro sam de sete contos oitocentos noventa e sete mil novecentos e setenta e seis réis (7:897\$976 reis).»

⁶ As primeiras freiras, que professaram no mosteiro, eram fidalgas pobres, algumas irmãs, e outras parentas do Bispo fundador, que, em quanto viveu, não permittiu, se exigissem dotes. — Existe, presentemente, uma unica freira, a senhora D. Luiza Benedicta Amaral, que saíu do mosteiro em 1834, depois da extinção das ordens religiosas, e tem vivido, e vive ainda em Lisboa, trajando vestidos seculares, como se fôra secular. Recebia do mosteiro, sem embargo de lhe não prestar serviço algum, quantia superior a um conto de réis, ha annos. Pela morte da unica freira, residente no mosteiro, a senhora D. Maria Joanna Cardoso, succedida em 23 de Abril ultimo, mandou o ministro do reino tomar posse do mosteiro, e proceder a inventario, ficando sem pão nem abrigo muitas donzellas pobres, que serviam no coro, e eram subsidiadas pelo mosteiro, e velhas e antigas serviças doentes, que serão forçadas a mendigar o resto de seus dias, para arrastarem a pouco duradoura existencia.

freiras, não recebeu de outra origem nem sequer um ceitil.

VII

Depois da morte de D. Antonio de Mello,¹ e de D. Helena de Mesquita², lançaram olhos ávidos sobre as riquezas do mosteiro o cardeal Infante D. Henrique, o Bispo da Guarda D. Christovão de Castro, e o primeiro Bispo de Portalegre D. Julião d'Alva.

Arvoráram-se todos tres em herdeiros de D. Jorge de Mello, representando o cardeal os interesses da Abbadia de Alcobaça, e os Bispos os das Igrejas respectivas.

Pretendiam que se lhes restituíssem os bens do mosteiro, porque, reputando illegal a aquisição dos de D. Helena de Mesquita, comprados aliás em seu nome, porém com o dinheiro de D. Jorge, em cuja casa vivia, julgavam nulla a doação, que d'elles fizera ao mosteiro, devendo considerar-se bens do Bispo; e nulla julgavam, igualmente, a doação de D. Antonio, porque não podia, segundo as leis do Reino, ser herdeiro de seu pae; apesar de legitimado por el-rei D. João III.³

Era de todo o ponto insustentavel para estes contendores o direito do mosteiro; havia sómente de litigar-se, quem o teria melhor, se a Abbadia de Alcobaça, se a Igreja da Guarda, ou a de Portalegre.

VIII

D. André de Noronha propugnou a pretensão de seu antecessor D. Julião d'Alva aos bens do mosteiro; porém D. João de Portugal, successor de D. Christovão de Castro, não continuou nas diligencias de reivindicar os para a sua sé; e, todavia, se a paixão não obcecasse a intelligencia de D. Jorge de Mello, era a Igreja Egitanense quem deveria ser por elle indemnizada dos prejuizos, que lhe causou, nos trinta

annos, que desfructára suas rendas¹, sem lhe prestar o mais pequeno serviço.²

Ignoramos os tramites, que seguiu este celebre pleito; sabemos apenas, que terminou amigavelmente, desistindo, primeiro D. André de Noronha, depois o mosteiro de Alcobaça, do direito que presumiam ter aos bens do de Portalegre.³

Mas doze annos esteve ameaçado de os perder, luctando com tão poderosos adversarios; valeu-lhe, a final, mais do que a justiça da causa, a protecção do cardeal Infante, que, como Legado à *Latere*, e juiz supremo n'esta demanda, julgou por Breve de 15 de outubro de 1562, que nem o Bispo D. André de Noronha, nem o mosteiro de Alcobaça tinha direito aos bens do de Nossa Senhora da Conceição de Portalegre.

E, para chegar a este resultado, allegou no Breve, que todos os bens, que grangeára D. Jorge de Mello, os havia comprado com dinheiro adquirido quando Abade Commendatario de Alcobaça; porque os rendimentos da Mitra da Guarda apenas lhe chegariam para uma subsistencia parca!!

(Continúa.)

F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

ARCHEOLOGIA E BELLAS ARTES

Comunicação feita por um socio na sessão de 12 de março de 1878

Senhores. — Tenho a honra de vos dar communição de dois escriptos que recebi ha pouco, obsequiosamente enviados á minha humilde pessoa

¹ «Nem chega a ver a sua cathedral, nem quer contribuir para as despesas da sua reedificação. Aperta com elle o seu cabido, e obtem rescriptos pontificios, para que elle cuide no alinho e decencia de sua verdadeira Esposa; a tudo se en-surdece, e só depois de sequestradas as suas rendas, por ordem regia, é que elle, cedendo á força, cumpria o que ha muito deveria ter feito de bom grado.»

Historia Chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaça etc., tit. iv, cap. iv, pag. 151. — A santa sé condemnou D. Jorge de Mello pela desobediencia aos seus rescriptos, além de outras penas, em vinte cinco mil cruzados; porém não pagou senão a quarta parte, porque se compoz com o Legado do Papa, João Riccio, Arcebispo de Pontino, fóra de Santarem, aos 30 dias do mez de julho de 1546. O Legado reservou para a Curia Romana quatro mil cruzados, e o resto, dois mil duzentos e cincoenta cruzados, entregou-o ao cabido da Guarda, que se deu por satisfeito. Conserva-se no cartorio do mosteiro o instrumento d'esta composição. — Seguindo um documento importante inculca Alexandre Herculano na sua obra *Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal* (Tom. III, pag. 16) D. Jorge de Mello como *pessoa de má vida, que menosprezava Roma, não tendo importancia alguma, por viver afastado da corte.*

² Para dar ordens, e para a benção dos santos oleos, tinha um Bispo de annel, Fr. Balthazar, Frade de S. Francisco, seu prégador, e grande letrado. *Tractado da cidade de Portalegre por Diogo Pereira Souttomaior.*

³ Desistiu tambem o Cardeal D. Henrique, como Abade Commendatario d'Alcobaça, a 18 de Setembro de 1562; o Bispo D. André de Noronha na mesma data; o mosteiro de Alcobaça a 26 do mesmo mez e anno. Consta dos respectivos instrumentos, que se conservam no cartorio do mosteiro. — Fr. Antonio Brandão na *Terceira Parte da Monarchia Lusitana* Liv. x, cap. xxii, encarecendo a grossura das rendas da Abbadia d'Alcobaça, assevera que na fundação do Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre alguma porção d'ellas gastára. Não abona o chronista com documento probativo o asserto, e desmentem-no todos os documentos citados n'esta memoria.

¹ D. Antonio de Mello está sepultado na igreja do mosteiro, junto ás grad'es do côro debaixo, sob uma campa de marmore, com o seu brazão de armas, a saber: em campo vermelho seis besantes de prata. Na cabeceira percebem-se ainda algumas letras do epitaphio, porém apenas podem ler-se estas palavras; *Falleceu a 15 de Agosto de 1549.*

É notavel esta data, porque mostra, que D. Antonio de Mello sobrevivera um anno e dez dias a seu pae, e que fallecera dois dias depois de assignar em Evora, onde morava, a doação ao mosteiro.

² D. Helena de Mesquita era filha de Pedro de Mesquita do Corrego, e de Filipa Borges. Não consta, quando falleceu, havendo-se até perdido a tradição do lugar, em que fóra sepultada na igreja do mosteiro. Cremos, porém, que a sua morte occorreu em 1551 ou 1552; porque já era fallecida, quando o Bispo da Guarda D. Christovão de Castro pretendeu reivindicar os bens do mosteiro para a sua sé; e D. Christovão fóra confirmado Bispo pelo Papa em 1550, e governou o bispado sómente dois annos e tres mezes, segundo affirma Carvalho na *Corographia Portuguesa*, Tom. II, pag. 343.

³ É o que consta de uma carta do Bispo D. Julião d'Alva ao Cardeal D. Henrique, cuja copia, de letra contemporanea, se conserva no cartorio do mosteiro. Não tem data, cremol-a, porém, escripta em 1550, pelo que se collige do texto; porque ainda estava por poer a primeira pedra da see que haa de fazer; e, acrescenta D. Julião d'Alva, que *poderia ser que descobrindo-se todo o dinheiro e fazenda que fora do Bispo (D. Jorge), ouvesse pera sustentar estas religiosas e contentar ao Bispo da Guarda e ajudar as necessidades d'esta see e bispado (de Portalegre).*

Tal era a opinião, que corria, da riqueza de D. Jorge de Mello!

pelo sr. C. Holst, secretario da real universidade de Christiania.

Eis o titulo d'esses dois interessantes escriptos:

1.º *De historia variisque generibus statuarum iconicarum apud Athenienses*. Disputavit L. B. Stenersen. 1877.

2.º *Norway Art of present time. Paint and Sculpture*. 1876.

Da recepção d'estes valiosos trabalhos dei conhecimento á 2.ª classe da academia real das sciencias de Lisboa (á qual tenho a honra de pertencer), porque julgo ser do meu dever dar-lhe conta de quaesquer relações scientificas e litterarias que eu possa ter com os paizes estrangeiros. Mas, sendo o assumpto dos referidos trabalhos proprio da archeologia e das bellas artes, tenho por indispensavel entreter por um pouco esta associação com uma noticia resumida dos dois escriptos.

O primeiro, composto em latim, é um notavel trabalho de archeologia grega, que revela no seu auctor uma grande somma de conhecimentos e uma força admiravel de investigação. Tem o sr. Stenersen por fim historiar e descrever os varios generos das estatuas iconicas entre os athenienses: o que desempenha magistralmente.

Das estatuas gregas, e especialmente das athenienses, só foram objecto do seu estudo as iconicas, isto é, as que representavam as feições reaes e verdadeiras das personagens a quem eram dedicadas.

Para o seu trabalho especialissimo apenas podia elle aproveitar, em certas proporções, Pausanias, explicado por Shubart, as *Antiquidades Gregas* de Rhangabey, a *Iconographia Grega* de Visconti, e a *Historia das Estatuas Honorarias* de Koeler. Foi-lhe, pois, necessario compulsar um grande numero de escriptos, não só sobre archeologia grega, senão tambem sobre archeologia romana, quando vinha a proposito estabelecer alguma comparação, ou esclarecer algum ponto obscuro ou duvidoso.

Eis aqui, muito por maior, a indicação dos pontos que o sr. Stenersen investiga e discute:

a) Estatuas erguidas em Athenas publicamente em honra de varões benemeritos, e a essas deu a denominação de estatuas honorarias.

b) Estatuas que não foram mandadas erigir pelo povo, nem pelo senado, nem por ordem da auctoridade publica, mas sim por individuos particulares, ou por diversas corporações ou collegios, sem nenhuma intervenção dos poderes geraes. Cicero as caracterizou perfeitamente n'estas palavras, fallando da estatua que os de Syracusa levantaram a Verres: *neque esse ex pecunia publica neque publice datam*.

c) Os titulos que se inscreviam na base das estatuas, como indicadores do fundamento da concessão honrosa.

d) A questão de saber, se era costume entre os athenienses collocar estatuas iconicas nos tumulos.

e) O genero especial de estatuas para os vencedores nos jogos publicos e nos certames solemnes.

f) A materia de que eram feitas as estatuas publicas e as particulares entre os athenienses: bronze, marmore, ouro, prata, marfim, madeira, etc.

Todos estes pontos foram examinados e discutidos com o mais attento cuidado na dissertação do sr. Stenersen, com o auxilio de muito notavel erudição das antiguidades da Grecia e Roma, e reflectida lição dos escriptos de archeologos distinctos.

A linguagem latina em que é escripta a dissertação merece gabos, pois que tem a clareza necessaria, sem a affectação pueril de imitar á phrase e o estylo do immortal orador romano.

No segundo escripto, em inglez, encontra-se uma noticia dos estabelecimentos de bellas artes, e dos artistas que floreceram na Noruega depois do anno de 1814, em que foi fundada a actual constituição d'aquelle reino, e d'est'arte entrou em um novo periodo historico. Outrosim se encontra ali uma breve biographia dos pintores e esculptores que actualmente existem na Noruega, e dos trabalhos que hão feito, mais ou menos notaveis.

Em 1819 foi creada a primeira escola de artes, e desde então se ergueram outras instituições analogas em todo o paiz. Comquanto fossem destinadas a formar technicos praticos e artifices, produziram todavia vantajosos resultados, pois que desde logo surgiram alguns artistas de talento.

Dahl, que nascera em 1788, revelou uma grande disposição para a pintura de paisagem. Já em 1820 grangeára uma reputação tal, que deu occasião a ser chamado a professar a sua arte em Dresden, onde falleceu em 1857.

Michelsen, que nasceu em 1789, mostrou disposição para a esculptura; aprendeu a modelar em Stockolmo; obteve depois uma pensão para ir estudar em Roma com o famigerado Torwaldsen. Falleceu em Christiania no anno de 1859.

Fearnley nasceu em 1802. Tornou-se notavel como pintor. A elle é devida a iniciativa da fundação da galeria nacional da Noruega, na qual existem hoje as suas duas melhores paisagens. Falleceu em Munich no anno de 1842.

Gæbitz nasceu em 1782. Foi grande retratista; tendo estudado na Allemanha, e particularmente em Paris, onde grangeou grande reputação. Falleceu em 1853.

Munch distinguui-se como pintor de historia e de paisagem. Nasceu em 1782 e falleceu em 1839.

Não proseguirei na enumeração, que aliás poderéis completar na leitura do interessante original.

A *Memoria* menciona o estabelecimento de uma associação ou corporação que designa pelo nome de *Art Union*, a qual fez nascer e espalhar o sentimento e o gosto artistico na Noruega.

Aponta com enthusiasmo o facto de estar volada no orçamento uma verba para subsidio e premio dos alumnos distinctos.

Louva o rei Oscar I pela liberalidade com que, ao subir ao throno, deu animação ás artes. A *Villa*

de Oscarshall, alevantada nas visinhanças de Christiania em 1847-1851, foi abrilhantada com as obras dos melhores artistas da Noruega então vivos; tornando-se um monumento da arte da mais alta importância.

— Séguem-se umas notas biographicas dos artistas que hoje ha na Noruega, alguns dos quaes hão apresentado as suas obras nas exposições de diferentes paizes.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

NECROLOGIA

Sir Gibert Scott, architecto inglez, foi um insigne restaurador de estylo ogival em Inglaterra, e as muitas obras que delineou e foram executadas sob sua direcção, attestam plenamente quanto o seu talento era fertil e a sua intelligencia superior. A posteridade apreciará devidamente as obras d'este eminente restaurador da architectura ogival no seculo XIX, que tanto abrilhantou a sua laboriosa existencia, e realçou a nobre arte que exercia.

A sua primeira obra importante foi o projecto do monumento commemorativo dos Martyres, em Oxford, em 1814; porém a sua reputação se estabeleceu definitivamente no concurso internacional de Hamburgo, em 1842, tendo sido premiado pelo seu projecto para a igreja de S. Nicolau.

Muitos edificios publicos que no seu paiz foram construidos, ou restaurados debaixo da sua habil direcção, indicaram desde o começo da sua carreira artistica uma tendencia em adoptar nas suas composições architectonicas uma grande profusão nas ornamentações, moldando-se ao gosto que o publico então mais apreciava nas edificações, e considerava indispensaveis nas construcções d'aquelle typo.

Este architecto, comtudo, dedicava-se principalmente ás construcções religiosas, e teve de applicar o seu talento na restauração da grandiosa cathedral de Doncastre, onde manifestou os conhecimentos profundos que havia adquirido na architectura gothica do seculo XIV, obra prima que lhe mereceu geral admiração de seus confrades, e serve de exemplar para o estudo d'aquelles que empregam o estylo d'aquella epoca.

Em 1859, no concurso publico para se fazer em Londres um novo edificio para o Ministerio dos negocios estrangeiros, apresentou Sir Gibert Scott um projecto; porém não foi adoptado sem lhe fazer algumas alterações, porque o Governo resolveu modificar-o para o estylo da architectura italiana; dando em resultado executar-se um prospecto mixto de

architectura, que dá logar a lastimar de se não ter executado o projecto original d'este insigne artista.

Em 1865, foi um dos architectos designados para apresentar um projecto para o Palacio Legislativo de Londres, delineado com superior intelligencia, não obstante não ter sido preferido.

Uma das maravilhas da capital da Gran-Bretanha é sem duvida o magnifico monumento para perpetuar a memoria do principe Alberto. Scott mereceu, por escolha pessoal da rainha Victoria, ser encarregado d'esta importante construcção.

Este artista continuou a delinear projectos para muitos dos principaes edificios publicos, que o Governo mandava construir, assim como para muitos palacios e residencias particulares, em diferentes localidades, e em todos se notavam a perfeição e o grandioso que este architecto patenteava em todas as suas obras: todavia suas tendencias eram sempre para as edificações no estylo gothico, posto que já ultimamente Sir Gibert Scott o tinha modificado alguma cousa nas suas composições, fazendo-as menos severas, principalmente quando se tratava de applical-as aos hoteis ou palacios, e outros edificios civis, sem comtudo alterar a pureza do estylo gothico na construcção dos edificios religiosos.

Já no seu projecto para a estação dos caminhos de ferro central (Midland Railway Hotel), em Londres, construido em 1874, deixou patente uma decidida tendencia para o estylo italiano, não obstante ter sido ornamentado como sendo de um admiravel caracter para edificios civis: porém deve-se considerar que sómente nas suas construcções religiosas, dominava mais o estylo ogival, tanto da sua predilecção, e que elle soube illustrar de uma maneira tão notavel.

Encarregado de restaurar em Inglaterra quasi todas as cathedraes, deixou elle nas de *Cantorbery*, de *Chichester*, de *Chester*, *Peterborough*, *Salisbury*, *Winchester*, *Worcester*, *Lichfield*, *Hereford*, *Ripon*, e muitas outras, perduraveis edificações de seu raro talento, de ser um insigne restaurador moderno, como ficou assignalado na abbadia de

Westminster, da qual occupava o lugar de architecto.

Quando se consideram as obras dirigidas por Sir Gilbert Scott, notam-se estas constantes qualidades que, muito embora não sejam derivadas de trabalhos originaes, foram comtudo postas em execução fielmente no estylo ogival, e que sempre advogou tanto nas suas publicações architectonicas, como nas prelecções publicas que deu; ficáram pois os seus trabalhos sempre admirados pela correccão com que foram executados, e pelo esculpido zelo com que Sir Gilbert Scott soube evitar os inconvenientes de se exagerar a escola denominada *do romantismo*.

Era socio da Academia Real desde 1861; antigo presidente do Instituto Real dos architectos britannicos; e socio honorario da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes; foi nomeado cavalleiro por S. M. a rainha Victoria em 1872; havia nascido em Gawcott em 1811.

A morte veio surprehendel-o quando dirigia as obras da nova cathedral de Edimburgo.

Sob o ponto de vista de insigne architecto, teve Scott uma grande influencia n'este seculo, pois deve-se a este artista ter sido o renovador da arte gothica, havendo-a desenvolvido no presente seculo, pois a adaptava a todas as necessidades modernas.

Além d'isso deixou uma excellente collecção de desenhos architectonicos de superior intelligencia scientifica e archeologica. Foi portanto para a architectura, na qual elle occupava um logar tão distincto entre os architectos de todos os paizes, uma perda que terá causado um profundo pezar á classe illustrada á qual elle pertencia, e lhe havia dado tão grande realce pelo seu especial talento e pelo merecimento dos trabalhos executados sob a sua intelligente direcção.

C. MUNRO.

Veja-se o jornal — *The Building News*, de Abril.

NOTICIARIO

Por instancias repetidas do presidente e secretarios da secção de anthropologia e archeologia da exposição universal de Paris, mrs. De Mortillet, Cartailhac e Chautre, deliberou a nossa associação enviar ali alguns objectos prehistoricos do seu museu, entre os quaes avultam uma cruz *Gamata* em granito; machados de pedra, e um em *jado*; machados de bronze de um typo especial; fragmentos de *louça* de barro, na materia dos quaes entrou a *mica*; photographias das esculpturas mais notaveis do referido museu; um cippo romano em granito, etc., etc. Por este modo se pôde satisfazer ao empenho dos archeologos francezes, que tanto desejavam que tambem uma collecção d'esta natureza figurasse entre as cento e cincoenta outras collecções de paizes estrangeiros, que haviam annuido a igual convite.

O numero dos visitantes ao museu do Carmo não tem diminuido, nos primeiros mezes d'este anno, não obstante serem as entradas pagas, pois tem concorrido quasi em igual numero como nos annos antecedentes; o que demonstra que o publico approvou a deliberação tomada pela nossa Associação a respeito de ser applicado o producto das entradas ás obras de cobertura das naves d'este edificio historico.

O numero dos artistas francezes que declararam enviar seus trabalhos para a exposição universal de Paris foram 1:894, comprehendendo 5:643 obras, mas o jury de admissão approvou sómente 432 obras pertencentes aos cinco ramos de bellas artes; a saber: 221 em pintura, 112 em esculptura, 11 em gravura, em medalhas e pedras finas, 48 em architectura, 34 em gravura, e em lithographia 6. Foram registados 5:211 trabalhos artisticos.

em uma igreja da diocese de Bayeux (França) no estylo da architectura romana do seculo XII, delineado pelo architecto portuguez o sr. J. P. N. da Silva, tendo-lhe sido pedido o desenho pelo abbade Mr. Petit. Este trabalho ficou concluido no mez d'abril d'este anno.

O obelisco de Cleopatra pôde chegar sem damni-ficação a Londres no dia 20 de janeiro ás 10 horas da manhã. Será para receiar que o clima de Londres o deteriore em muito menos tempo, como aconteceu ao obelisco de Luxor em Paris, pois que um sabio allemão observou que durante os vinte annos que está em França, a superficie d'este monolitho se alterou, pois sendo a côr roxa do granito perfeitamente visivel, e havendo-a conservado durante 3:400 annos, exposto ao clima do Egypto, apparecia já em 1872 sobre o obelisco uma leve capa do kaolino, symptoma evidentissimo da decomposição do granito. Será preciso cobrir-lhe a superficie com um banho de silicato de potassa.

O governo auctorisou que se fizesse uma porta nova para o portal principal do monumento que o inclito condestavel D. Nuno Alvares Pereira havia erigido na capital, mandando construir a grandiosa igreja gothica do Carmo. Procedendo-se ao necessario des-aterro (4:438 carroçadas!), viu-se que as bases das columnas do bello portal estavam soterradas na profundidade de 1^{ra}, 20. Causava descredito para a capital do reino deixar aquella fachada desfigurada por tal modo. Felizmente o illustre ministro das obras publicas annuiu gostoso ao pedido que a real associação lhe dirigiu, ordenando aquella necessaria obra, do que nos apressamos a dar conhecimento aos nossos consocios, os quaes receberão esta agradável noticia como uma nova prova que nos dá o governo do desvelo que o anima pela conservação d'aquella reliquia da nossa independencia.

Foi construido um altar com retabulo de marmore,

1878, Lallemant frères, typ. Lisboa.